

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



**PROFLETRAS**



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
SERGIPE**

# **Histórias da gente:**

## **Registro de monumentos em crônicas**

**ANDREA DE SOUZA RODRIGUES MENEZES**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA LEILANE RAMOS DA SILVA**



**CADERNO PEDAGÓGICO  
MANUAL DO PROFESSOR  
SÃO CRISTÓVÃO - SE / 2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**ANDREA DE SOUZA RODRIGUES MENEZES**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA LEILANE RAMOS DA SILVA**

**HISTÓRIAS DA GENTE:  
REGISTRO DE MONUMENTOS EM CRÔNICAS**

**CADERNO PEDAGÓGICO  
MANUAL DO PROFESSOR**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2025**

## APRESENTAÇÃO

**Estimado professor, estimada professora,**

Este Caderno Pedagógico deriva de um conjunto de investigações diagnósticas e leituras de referenciais teóricos estudados no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), Universidade Federal de Sergipe, unidade de São Cristóvão, e foi desenvolvido sob orientação da professora doutora Leilane Ramos da Silva. Com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país, essa pós-graduação tem como objetivo a capacitação de professores de Língua Portuguesa das escolas públicas brasileiras. Este material está direcionado a estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental e é destinado a professores que pretendem aprimorar a competência escrita de seus alunos.

Vinculado diretamente à linha de pesquisa "Linguagens e Letramentos" do referido programa, o produto ora apresentado à comunidade escolar nasce igualmente como resposta a inquietações relacionadas às dificuldades dos educandos para lidar com a escrita e, como tal, ampara-se em documentos norteadores como a Base Nacional Comum Curricular, a qual endossa a necessidade de validação de tarefas capazes de ampliar as habilidades discentes nessa modalidade, adequando-as às diversas situações interativas. Nele apresentamos uma sequência de atividades que, através da ludicidade e do processual, a partir de orientações de autores como Passarelli (2012), culminem na criação de crônicas sobre fatos cotidianos da comunidade local. Dessa forma, foram consideradas, nas etapas das atividades, a análise e o estudo do gênero em questão, haja vista a importância do ensino de língua através dos variados textos, conforme ressalta Marchuschi (2008), entre outros estudiosos.

Em termos temáticos, a ênfase se volta para o reconhecimento e para a necessária valorização dos monumentos históricos que compõem o patrimônio material da cidade, bem como os elementos de valor imaterial. Nesse sentido, as atividades sugeridas trazem propostas que suscitem nos alunos o sentimento de pertencimento e de identidade histórica com relação à comunidade da qual fazem parte. Assim, além das habilidades linguísticas, almeja-se o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia dos estudantes, apregoada incessantemente por Freire (1997) e por educadores que esmeram uma formação crítica e libertadora.

Destarte, ratificamos que este trabalho tem como base teórica referenciais renomados das áreas da leitura e da escrita processual, aliada a uma experiência de duas décadas em sala de aula, a qual, através de um árduo e contínuo trabalho de ressignificação das práticas pedagógicas, a partir da formação em um mestrado tão necessário e enriquecedor como o

ProfLetras, apresenta como recurso didático um Caderno Pedagógico repleto de carinho e de esperança por uma educação transformadora no processo de ensino e aprendizagem. Por fim, destacamos que as atividades nele descritas podem ser adaptadas, caso haja a necessidade e o desejo do (a) professor (a) que irá utilizá-lo.

Com votos de um trabalho exitoso,

A autora.



## SUMÁRIO

|                                                         |               |
|---------------------------------------------------------|---------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                               | <b>5</b>      |
| 1.1 CONCEPÇÃO DE LEITURA.....                           | 6             |
| 1.2 PRODUÇÃO TEXTUAL .....                              | 8             |
| 1.3 TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS .....                      | 11            |
| 1.4 CONCEITUAÇÃO DE CRÔNICA.....                        | 13            |
| <br><b>2 A SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES.....</b>             | <br><b>14</b> |
| 2. 1 DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES.....          | 17            |
| <br><b>3 PALAVRAS FINAIS.....</b>                       | <br><b>41</b> |
| <br><b>REFERÊNCIAS .....</b>                            | <br><b>42</b> |
| <br><b>ANEXO - TÁBUA DE CRITÉRIOS DE CORREÇÃO .....</b> | <br><b>43</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de darmos início à proposta da sequência de atividades, ressaltamos a relevância de apresentarmos, mesmo que de forma sucinta, o referencial norteador do trabalho em questão.

Outrossim, apesar de a experiência prática em sala de aula ter resultado na elaboração deste caderno pedagógico, ele não deve ser considerado um produto acabado, o qual não possa ser flexibilizado ou mesmo melhorado. Desse modo, há de se considerar que, mesmo tendo sido aplicado em uma turma de oitavo ano, ele pode ser adaptável a uma outra série do Ensino Fundamental.

Isso posto, com o intuito de suscitar um melhor direcionamento para o trabalho educacional no ambiente escolar, faremos aqui uma breve exposição do percurso explorado para a execução das atividades e, por conseguinte, para a elaboração do presente material didático. Nesse viés, elencamos como discussões primordiais concernentes ao embasamento teórico as concepções a seguir:

### **1.1 Concepção de leitura**

### **1.2 Produção textual com foco na escrita processual**

### **1.3 Tipos e gêneros textuais**

### **1.4 Conceituação de crônica**

Vamos começar?!

## 1.1 CONCEPÇÃO DE LEITURA



De acordo com as diretrizes da Educação Básica, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os planos de aula de Língua Portuguesa precisam ter como princípio leituras de diferentes tipos de textos. Para isso, o (a) professor (a) deve escolher previamente esses textos, levando em conta a realidade dos alunos e os objetivos que a escola quer alcançar. Além disso, é importante que ele (a) tenha sensibilidade para entender o que os estudantes precisam e desejam, isso faz toda a diferença nas aulas de língua materna.

Sabemos que a busca de materiais de diversas formas é válida e ajuda a aumentar o interesse e o sucesso nas atividades de leitura em sala. Esses suportes didáticos podem vir da biblioteca da escola, se houver, dos livros didáticos e, se não forem adequados, jornais e revistas também podem ser uma boa alternativa. Tais materiais podem ser utilizados de forma impressa ou de forma digital.

Depois de escolher os textos, é essencial que, como educadores, saibamos propiciar aos alunos estratégias de leitura que realmente funcionem e ajudem a desenvolver o pensamento crítico. Dessa maneira, entendemos que ler não é só passar os olhos pelo texto, mas sim fazer conexões e reflexões sobre o que está escrito com o conhecimento prévio de mundo do leitor.

Nesse sentido, Freire (1982) destaca que o ato de ler não se restringe a decifrar as palavras ou a decodificar a linguagem escrita. Na verdade, o escritor acredita que essa questão vai além e está ligada a nossa percepção do mundo. Como ele mesmo afirma, “a leitura do mundo precede da leitura da palavra” (FREIRE, 1982, p.05), portanto, a leitura desta não pode ignorar a continuidade da leitura daquela. Assim, a leitura crítica dos textos mostra como há uma conexão bem estreita entre o texto e o contexto, entre o que é dito e o que realmente é compreendido.

Seguindo essa linha de pensamento, Martins (1997) faz uma observação que precisa ser considerada. Segundo a autora, criar condições de leitura não é só ensinar a ler ou garantir que o educando tenha acesso aos livros. Essas condições se estendem para as leituras que encontramos no nosso dia a dia, como a de uma imagem, a de uma paisagem, a de um som ou até a de uma ideia, pois o que conta como texto não se limita ao que está escrito no papel. Dessa maneira, para a pesquisadora “Seria preciso, então, considerar a leitura como um

processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 1997, p. 30).

Assim, como educadores, devermos estar cientes de que a leitura envolve entender as diferentes linguagens que estão ao nosso redor. Além disso, o ideal seria o professor ler “com” o aluno, ao invés de ler “para” ou “por” ele, contribuindo, dessa forma, para a promoção de um aprendizado mútuo e enriquecedor no processo de ensino e aprendizagem.

Com relação à leitura do texto escrito, devemos evitar atividades que só pedem respostas rápidas, como questionários que envolvem informações de localizações superficiais, pois isso não contribui para o aprofundamento do entendimento do texto, conforme ressalta Cafiero (2010). Para a autora, ler um texto envolve saber quem escreveu, qual a intenção do autor, quando foi escrito, dentre outras informações importantes. Outrossim, o ato de ler pressupõe tanto o outro, como também serve para responder aos nossos próprios questionamentos, constituindo-se em uma comunicação contínua entre autor, texto e leitor. De acordo com Cafiero, “Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos, objetivos” (CAFIERO, 2010, p. 87).

Assim, é bom lembrar que ler é uma forma de se comunicar e por isso deve promover a interação social, como os documentos oficiais dizem. No dia a dia, por exemplo, lemos para alcançar um objetivo, seja para adquirir uma informação, seguir uma instrução ou simplesmente nos entretermos com um texto literário. Por isso, na escola, essa prática não pode ser diferente. É fundamental que tenhamos objetivos claros sobre como trabalhar a leitura nas aulas de Língua Portuguesa e, é claro, não esquecermos que a leitura não se restringe somente ao texto escrito.

E aí, caro (a) colega professor (a)? Está disposto a assumir esse compromisso com seus educandos?

## 1.2 PRODUÇÃO TEXTUAL



Falando sobre produção de texto, é importante que o (a) professor (a) saiba que a BNCC defende que o trabalho com a escrita também deve estar alinhado com a ideia de interação no uso da língua.

Na introdução do componente de Língua Portuguesa, afirma-se que “o eixo da Escrita envolve práticas de produção de textos verbais, verbo-visuais e multimodais, de vários gêneros textuais, pensando na situação de comunicação, nos objetivos e nos leitores” (BNCC, 2018, p. 64). Então, quando se trabalha o eixo da escrita na sala de aula, é preciso ter em mente:

**a) Qual é a função da comunicação?**

**- Informar? Contar uma história? Dar uma opinião? Descrever? Ensinar?**

**b) Quem são os leitores?**

**c) Quem é o autor do texto? Que tipo de leitor ele quer atingir?**

**d) Que tipo de linguagem usar?**

**- Formal? Informal?**

**e) Qual é o objetivo? - O que o autor quer alcançar com o texto?**

Koch e Elias (2010) explicam que a interação é de suma importância na hora de escrever, pois sempre há um leitor envolvido nesse processo. Por isso, é necessário adquirir o hábito da reescrita, a fim de que o leitor entenda o texto da melhor forma. É fundamental ter cuidado para não focar só na língua ou no autor, mas também em três fatores importantes:

- **No leitor: Para quem você está escrevendo?**
- **No contexto: Onde e quando o texto vai circular?**
- **No meio de divulgação: Como esse texto vai ser publicado?**  
*Em papel? Online? Jornal? Revista? Livro? Internet? Televisão? Rádio?*

De forma análoga, Antunes (2010) realça a importância de estarmos cientes desses elementos nas atividades de escrita. Para a autora, “A escrita varia na sua forma, dependendo das funções que se quer cumprir e dos diferentes gêneros em que se realiza” (ANTUNES, 2010, p. 48). Desse modo, assim como na fala, é preciso planejar e ter controle sobre as palavras na hora de escrever, observando quem são os leitores que se deseja alcançar, para assim decidir se a linguagem vai ser mais formal ou mais informal.

Postas essas considerações, é importante destacar que, para ter um texto mais produtivo, há a necessidade de um planejamento, que envolve um passo a passo bem definido. Segundo Passarelli (2012), essa organização prévia constitui-se em um processo, o qual envolve as seguintes etapas:

Planejamento → Escrita → Revisão → Reescrita → Editoração

O resultado final desse processo, que a autora chama de “produto”, é uma versão mais caprichada do que foi escrito inicialmente.

Nesse sentido, vamos ver com mais detalhes cada fase desse processo:

- ➡ a) Na fase de **planejamento**, é fundamental ter claro qual o tipo de texto se quer criar e os elementos que fazem parte do gênero escolhido.
- ➡ b) Na fase de **escrita**, a primeira versão do texto é produzida, a qual pode ser ajustada e corrigida para melhorar a sua versão final.
- ➡ c) A **revisão** envolve avaliar se o texto está adequado em termos linguísticos, levando em conta o gênero, o propósito da comunicação, a linguagem usada e os aspectos gramaticais.

#### NOTA

Para essa etapa da revisão, é aconselhável criar uma tabela de avaliação (barema) com os elementos essenciais que vão guiar os principais objetivos do texto que está se propondo. Como sugestão, consta no Anexo B uma tábua de correção das crônicas que foi elaborada para a sequência de atividades apresentada neste Caderno Pedagógico.

➡ d) A **reescrita** é a etapa onde é feita uma segunda versão do texto, buscando deixá-lo ainda melhor.

➡ e) Por último a **editoração**, que é a parte de editar o conteúdo que foi escrito, levando-se em consideração como ele vai ser veiculado.

Isso é novidade para o (a) colega ou acaso já lhe foi possível trabalhar nesse viés?

Além dessas etapas da escrita, Passarelli (2012) também fala sobre a importância de trazer um pouco de diversão para o trabalho com a produção textual em sala de aula. Nesse contexto, incluir um jogo pode ser uma ótima ferramenta educacional nas práticas pedagógicas, pois isso ajuda a tornar a aula mais dinâmica e interativa, deixando o processo de escrita mais leve e mais prazeroso. Assim, o aluno pode se sentir mais motivado a produzir seu texto, diminuindo a angústia e a ansiedade desse processo.

Então, caro (a) professor (a), que tal pensar em criar um jogo para animar e dinamizar suas aulas?



Na sequência, dada a relevância dos estudos de seus conceitos, de sua constante atuação nas relações sociais e inserção nas práticas de ensino e aprendizagem de língua materna, conforme ressalta Marchuschi (2008), na seção 1.3, partiremos para algumas considerações importantes sobre a definição de tipos e gêneros textuais.

### 1.3 TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS



De acordo com Marchuschi (2008), tipos textuais são definidos como modos textuais, caracterizados pelas suas formas ou sequências linguísticas. Compreendem cinco categorias que correspondem ao seu propósito comunicativo, as quais são a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção. Desse modo, os textos são classificados pela tipologia predominante, havendo a possibilidade de outras tipologias estarem também presentes em um determinado texto, complementando o seu sentido, de acordo com a sua intencionalidade.

#### NOTA

Como entendemos que há divergências terminológicas e epistemológicas com relação ao emprego de termos, como “gênero textual”, “gênero do discurso” ou “gênero discursivo”, optamos por esclarecer que escolhemos a expressão “gênero textual”, adotada por Marcuschi (2002). Essa opção também é considerada para a expressão “tipo textual”, no lugar de “tipo discursivo” ou “tipo do discurso”

Os gêneros textuais, por sua vez, na concepção de Marcuschi (2002), são entendidos como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em **domínios discursivos** específicos” (MARCUSCHI, 2002, p.25). Assim, entendemos que os gêneros textuais não ocorrem de forma aleatória, pois podem ser adaptados para as variadas situações de comunicação, a depender do contexto em que estão inseridos.

Considerando a notável amplitude dos estudos atuais sobre a noção e a aplicação dos gêneros textuais, Marcuschi (2008) ressalta que o interesse pela temática vem desde a Antiguidade Clássica. Tal interesse surgiu com Platão e posteriormente com Aristóteles, tendo na primeira relação com a tradição poética e no segundo, com a tradição retórica.

Com relação ao domínio discursivo, Marcuschi afirma que ele não abrange um gênero textual em específico, individual, mas aquele que dá origem a vários deles, partindo de

uma concepção bakhtiniana, a qual indica instâncias discursivas. Exemplos disso são os discursos jurídico, o jornalístico e o religioso. Esses discursos podem compreender, numa prática de comunicação, uma diversidade de gêneros textuais convergindo entre si.

Em uma esfera jornalística oral, por exemplo, podem ser encontrados gêneros como notícias, reportagens, entrevistas. Na escrita, podem ser acrescentados editoriais, artigos, classificados e crônicas, um dos gêneros textuais notoriamente reconhecido e amplamente divulgado no ambiente escolar, no contexto da Educação Básica.

Enfim, ratificando a afirmação de Marcuschi (2008), acerca do entendimento e da aplicabilidade dos gêneros textuais, na seção 1.4, iremos discorrer algumas considerações a respeito do gênero crônica. Uma vez que ele é o instrumento de chegada e de partida de nossa sequência de atividades, entendemos a importância de tentar esclarecer algumas questões relativas a sua conceituação, como:

- **O que é uma crônica?**
- **Qual é a origem do termo?**
- **Estilisticamente, como ela pode ser definida?**
- **De que forma ocorre seu processo histórico e evolutivo no Brasil?**
- **Qual a relevância do estudo do gênero nas aulas de língua materna?**

Muita coisa até aqui, não é mesmo? Sigamos!



## 1.4 CONCEITUAÇÃO DE CRÔNICA



Partindo do que já discutimos na seção 1.3, podemos afirmar que a crônica é um gênero textual que apresenta como principal tipologia a narração, já que é mais voltada a relatar acontecimentos. Mas isso não impede que nela haja descrições, como a de personagens e lugares, por exemplo.

De acordo com Moisés (2004), a palavra crônica vem do grego Khrónos, que significa tempo, numa referência a relatos de acontecimentos de forma cronológica, ou seja, na ordem em que aconteceram. Em termos de estilo, a crônica é uma narrativa curta, simples e breve, com marcas de oralidade, atribuindo-lhe um jeito de conversa, segundo Costa (2014). É direcionada a variados tipos de leitores, a depender do interesse pessoal de quem a escreve e o de quem a lê.

Ainda de acordo com Costa (2014), originalmente esse gênero limitava-se a contar fatos verídicos e nobres, como uma espécie de registro histórico. Mas, a partir do século XIX, ele começou a passar por uma fase de evolução e a se adaptar. Com isso, ganhou espaço nos jornais da época, nos famosos folhetins. Dessa forma, as crônicas passaram a falar sobre o dia a dia das pessoas, seus costumes, política etc.

Historicamente, o surgimento da crônica no Brasil ocorreu bem antes do século XIX, logo que os portugueses chegaram às terras indígenas, conforme Sá (2001). Pero Vaz de Caminha, que era o escrivão da expedição de Pedro Álvares Cabral, ao enviar uma carta ao rei Dom Manuel, faz um registro sobre a viagem e o contato com os indígenas. Ele falava sobre seus costumes, suas crenças e o seu modo de vida, expondo diferenças entre a cultura primitiva e a europeia. Nessa carta, Caminha já traz uma das características principais da crônica, que é o registro do acontecimento momentâneo, o chamado circunstancial.

Por fim, entender as definições, características e funções sociais da crônica é importante nas aulas de língua portuguesa. Com uma linguagem direta e reflexiva, esse gênero pode ser usado tanto na leitura quanto na produção de textos, gerando discussões sobre os temas tratados e ajudando os alunos a melhorar suas habilidades na escrita. Assim, ao estimular o pensamento crítico e criativo dos estudantes, a crônica se mostra uma ferramenta incrível para facilitar o aprendizado, promovendo interações sociais e aprimorando a produção textual.

A partir da seção 2, iremos enumerar e descrever a sequência de atividades que culminarão na proposta de produção textual do gênero crônica.

## 2 A SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Querido (a) colega, após toda a explanação sobre o referencial teórico a partir do qual nossa sequência de atividades está embasada, é chegada a hora de apresentá-la. No quadro a seguir, expomos em ordem didática as etapas do roteiro de trabalho e, posteriormente, uma explicação detalhada de cada uma delas, seguida de menção à habilidade da BNCC considerada em seu planejamento. Essa sequência de atividades está organizada prevendo como público-alvo o oitavo ano do Ensino Fundamental e o tempo estimado para a sua realização é de 12 horas/aulas. Contudo, ela pode ser adaptada ou reformulada, conforme a necessidade e a realidade de cada professor (a) e do ambiente escolar onde será executada.

### EM SÍNTESE:

- **Público-alvo da sequência de atividades:**  
**Alunos (as) do 8º ano do Ensino Fundamental**
- **Tempo estimado de realização:**  
**12 horas/aulas**

Consideramos, a priori, a relevância de destacar que, para a criação dessa sequência de atividades, estabelecemos como fator primordial uma meta norteadora que consiste em:

**Minimizar as dificuldades, anseios e aversão dos alunos com relação ao eixo da produção textual, a partir da escrita processual de um texto narrativo.**

A seguir, consideramos, ainda, a pertinência de destacar os objetivos gerais e os objetivos específicos almejados a partir da presente sequência de atividades.

**Objetivo geral:**

**Ampliar as habilidades linguísticas de escrita a partir de discussões sobre uma situação concreta do entorno da comunidade escolar.**

**Objetivos específicos:**

- i) Reconhecer-se como sujeito pertencente e atuante de uma comunidade na qual está inserido.**
- ii) Despertar o senso crítico a partir do hábito da leitura.**
- iii) Ampliar a competência interativa através de roda de conversa e de jogo.**
- iv) Reconhecer o gênero crônica através de leituras de textos desse gênero textual.**
- v) Aprimorar as habilidades da produção textual através do efetivo trabalho com a escrita processual.**

Dessa maneira, as atividades estão distribuídas a partir da seguinte sequência:

**ETAPA 1:  
(RE)CONHECENDO O  
GÊNERO CRÔNICA**

**ETAPA 2:  
MONUMENTOS QUE  
RESGATAM MEMÓRIAS**

**ETAPA 3:  
NOSSO PATRIMÔNIO, SUAS  
HISTÓRIAS**

**ETAPA 4:  
ROLETA DOS MONUMENTOS**

**ETAPA 5 :  
PLANEJAMENTO E  
PRODUÇÃO DAS CRÔNICAS**

**ETAPA 6:  
REVISÃO E REESCRITA**

**ETAPA 7:  
EDITORÇÃO**

Na tabela abaixo, há a descrição detalhada das atividades sugeridas para cada etapa, com a previsão de aulas necessárias para a sua realização:

| ETAPA                                   | ATIVIDADES                                                                                                                                                                                                                                       | DURAÇÃO               |
|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| 1- (Re)conhecendo o gênero crônica      | -Explicação da proposta das atividades;<br>-Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero apresentado;<br>-Introdução da leitura de uma crônica;<br>-Compreensão do texto;<br>-Estudo detalhado das características do gênero | 100 minutos (2 aulas) |
| 2- Monumentos que resgatam memórias     | -Passeio pelas ruas da cidade com visita a seus principais monumentos históricos.                                                                                                                                                                | 100 minutos (2 aulas) |
| 3- Nosso patrimônio, suas histórias     | -Roda de conversa com professores da escola sobre a história da cidade.<br>-Solicitação aos alunos para levar ao evento fotografias da cidade e/ou outros objetos que possam contribuir para a discussão proposta.                               | 50 minutos (1 aula)   |
| 4- Roleta dos monumentos                | -Execução de jogo interacional referente à aprendizagem sobre aspectos da cidade adquirida nas etapas 2 e 3.                                                                                                                                     | 50 minutos (1 aula)   |
| 5- Planejamento e produção das crônicas | -Leitura de crônica<br>-Planejamento da produção das crônicas<br>-Escrita das crônicas                                                                                                                                                           | 100 minutos (2 aulas) |
| 6- Revisão e reescrita                  | -Revisão das produções<br>-Reescrita das crônicas                                                                                                                                                                                                | 100 minutos (2 aulas) |
| 7- Editoração                           | - Editoração do texto reescrito                                                                                                                                                                                                                  | 100 minutos (2 aulas) |

Dado o esquema exposto na presente seção 2, apresentamos, a partir de agora, a descrição detalhada de cada uma das etapas. Avante!

## 2.1 DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

### Etapa I: (Re) conhecendo o gênero crônica – leitura de crônica e estudo do gênero



#### **Habilidade da BNCC a ser considerada nas atividades da etapa:**

(EF89LP33): Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Nesta etapa, indicamos a leitura e a compreensão de textos do gênero textual crônica que dialogam com a temática abordada. Além disso, é importante buscar uma maneira de levar o aluno a apropriar-se das características do gênero em questão. Seguem os passos metodológicos para a sua execução:

### **APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA**

Primeiramente, você apresenta uma breve explicação sobre o objetivo pretendido com a sequência de atividades, que é a produção de uma crônica sobre um aspecto cotidiano da cidade, onde esteja inserida alguma relação com os seus aspectos histórico-culturais.

#### **IMPORTANTE:**

**Não esquecer de esclarecer aos estudantes a pretensão de divulgação das futuras produções, através de um mural expositivo, como sugestão de culminância das etapas de atividades.**

### **INTRODUÇÃO**

Fazer sondagem sobre os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o gênero em questão.

### **LEITURA E COMPREENSÃO DE CRÔNICAS**

Como sugestão, você pode apresentar aos alunos crônicas que tenham sido produzidas por estudantes em idade escolar semelhante a deles. Se possível, que também sejam relativas a aspectos de sua região.

A fim de nortear a discussão sobre o texto, elencamos os seguintes questionamentos:

- *Alguém aqui já conhecia os textos lidos?*
- *Vocês sabem a que gênero textual eles pertencem?*
- *Qual são as temáticas abordadas nessas crônicas?*
- *Conseguem perceber o tom da linguagem assumido pelos autores das crônicas?*
- *Essas crônicas transmitem algum tipo de reflexão sobre um aspecto cotidiano das cidades onde ocorrem os fatos narrados? Qual seria essa reflexão?*

## ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

Para finalizar esta etapa, sugerimos que seja disponibilizado aos alunos um mapa mental sobre os elementos da crônica, a fim de estabelecer suas principais características, com o intuito de promover o domínio do gênero, ampliando, dessa forma, sua competência linguística.

Como opção de leitura e compreensão, apresentamos a seguir uma das crônicas utilizadas nesta Etapa 1 da sequência de atividades:

**Estimado (a) aluno (a), com esta atividade apresentamos a você uma crônica produzida por um aluno do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Japaratuba/SE, um dos vencedores da Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa, em 2010. O tema do texto é “O lugar onde vivo” e o título “A pipa, o bispo e o azul”.**

### A pipa, o bispo e o azul

Ouvi barulho e vozes crescentes, um zum-zum-zum empestava o assentamento onde moro. Quanto mais pedalava, mais me embrenhava num corre-corre alucinado: meninos, mulheres, todos corriam para a frente do barracão. Que enxame é esse? Que cabrunco está acontecendo?

Era o Pipa! De novo o Pipa? Dessa vez ele tinha ido longe demais. Estava no alto do pau de sebo, quase pendurado no topo. Aquele mastro tinha sido colocado ali dois dias antes. A festa ia acontecer no final de semana: algodão-doce, corrida de ovo e pau de sebo.

“Desce daí, seu doido!” Uns jogavam areia, pedras...

O Pipa era mestre na arte de fazer papagaio. Quando não estava na roça ajudando os pais, estava viajando nas asas das pipas. Ele se isolava. Dizia que gostava da solidão. Solidão a três: ele, a pipa e a imaginação... Logo eram seis e depois eram muitos...

Era diferente. Era mesmo feio. Chamava-o de louco. Particularmente, ele tinha algo que me fascinava. Vez em quando soltava um sorriso azul.

O artista de caçar passarinho e criar pipas estudava comigo, e na mesma sala. Outro dia, na escola, o professor falou do filho mais ilustre da nossa cidade: Arthur Bispo do Rosário. Um misto de desapego e curiosidade tomou conta da turma. Pipa foi um dos que deram uma chance ao professor. Ouviu tudo atentamente. O professor falou da importância de a gente incorporar o Bispo como elemento nosso. Ele lhe disse que somos conterrâneos do homem e desconhecíamos sua obra, o seu valor, a sua história. “As pessoas passam pela estátua do Bispo, na entrada da cidade, e falam mal, e como falam mal: louco, preto, feio e pobre”.

Então ele nos pediu que acrescentássemos a palavra “gênio”.

— Gênio?

Aí o Pipa gritou: “Louco, preto, feio, pobre e gênio!” E riu! Riu tanto que tumultuou a aula. Subiu na carteira e foi só presepada, muganga. Imitava o Bispo do Rosário, com altas doses de esquizofrenia.

“Quer levar um sopapo, menino? Está ficando mais besta ainda. Deve ser a escola! Já disse que Jamerson nunca foi bom da cabeça. E está piorando!”, gritava o pai, meio desesperado.

“Não ligo, não! Sei que não sou gênio, mas sinto dentro de mim que sou diferente, que vejo muito diferente dos meus irmãos. Eles não me perdoam por isso. Só minha mãe. Ela é a minha Nossa Senhora, sempre generosa.”

“Desce daí, meu filho! Você vai acabar matando sua mãe! Gente, ajude aí! Meu Pipa é sonâmbulo. Ele está dormindo.”

Quando me viu no meio da multidão, fez cara de súplica. Não me fiz de rogado! Joguei a bicicleta e desbravei aquele pau de sebo. Não tive dificuldade. Aquele mastro já me conhecia. Agarrei o meu amigo pela cintura, a multidão uivou, berrou, decepcionada. Parecia um anjo de olhos cerrados. Tremia os lábios, soltava gaitados. Na mão esquerda uma pipa azul. Resmungou. Abraçou-me. “Quem é que está aí? Qual é a cor da minha aura?”

Ericles da Silva Santos

### Perguntas

01-Que fato/acometimento o autor está contando? Esse fato/acometimento está sendo narrado em 1ª ou em 3ª pessoa?

---

---

02-Explique qual é a relação do título com o conteúdo da crônica.

---

---

03-Quem é o autor do texto? Ele expressa alguma opinião, além de narrar o texto? Justifique sua resposta.

---

---

---

04-Na crônica, o autor faz alusão a alguns poucos personagens. Cite 3 deles.

---

---

05-Você consegue encontrar a presença de humor na crônica narrada? Se sim, copie um trecho em que podemos identificá-lo.

---

---

---

06- Que monumento histórico e qual evento cultural são citados na crônica como elementos que fazem parte do patrimônio da comunidade local?

---

---

07-Além de narrar um fato, você consegue perceber se a crônica tem o objetivo de causar algum tipo de reflexão no leitor? Se sim, qual seria essa reflexão?

---

---

08-Qual é o contexto de produção dessa crônica, ou seja, em que situação o autor a escreveu?

---

---

09-Com relação aos meios de circulação, onde você acha que essa crônica poderia ser encontrada (em um livro, em um jornal, na internet etc.)?

---

10-No que se refere à linguagem utilizada pelo autor, você a achou simples, de fácil entendimento, ou sentiu algum tipo de dificuldade para compreender o texto? Escreva algumas palavras ou expressões próprias da linguagem coloquial cotidiana encontradas no texto.

---

---

## Etapa II: Monumentos que resgatam memórias – passeio pelas ruas da cidade



### Habilidade da BNCC a ser considerada na atividade da etapa:

(EF69LP14) Formular perguntas e decompôr, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

Na etapa II, apresentamos como proposta uma visitação aos principais monumentos que compõem o patrimônio da cidade. Sugerimos que a tarefa seja realizada a pé, através de um passeio ciclístico ou, caso o deslocamento para o roteiro seja distante, pode ser solicitado um transporte à secretaria responsável pela administração da escola, a fim de contribuir e de facilitar a dinâmica da etapa. Recomendamos que seja feita uma programação prévia para o roteiro, com auxílio de um guia, que pode ser um professor mais conhecedor dos aspectos histórico-culturais da cidade, um membro de associação comunitária local, entre outras possibilidades. Além disso, como a atividade será realizada fora do ambiente escolar, é prudente ainda um comunicado por escrito aos pais dos estudantes para que estejam cientes do evento. É conveniente também a busca de auxílio de outros colegas professores, com o intuito de garantir a supervisão e a segurança dos jovens durante o percurso. Por último, e não menos importante, é preciso lembrar aos alunos que levem suas garrafinhas de água e, se possível, algum alimento, caso ocorram imprevistos e a programação ultrapasse o tempo previsto. Para os alunos que dispõem de aparelhos celulares, pode-se solicitar que tirem fotos dos monumentos visitados e a depender da sua qualidade elas podem ser impressas para que em outro momento das etapas de atividades elas sejam utilizadas de alguma maneira. Antes de iniciar o passeio, instruí-los sobre a importância de prestarem atenção às explicações do guia para que haja um melhor aproveitamento da aprendizagem.

**Em resumo, para esta etapa, orienta-se:**

- **Aviso prévio à direção e aos pais dos estudantes sobre o evento;**
- **Programação para o roteiro de visitação;**
- **Disponibilidade de um guia;**
- **Preparação (levar água, lanche etc.);**
- **Orientações sobre a logística da atividade (tirar fotos dos monumentos, prestar atenção às explicações).**

Depois de tudo isso devidamente planejado, é só partir para a sua execução!

### Etapa III – Nosso patrimônio, nossas histórias - roda de conversa



#### **Habilidade da BNCC a ser considerada na atividade da etapa:**

EF69LP14: Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

Com essa etapa, a ideia é promover a interação entre os estudantes, professores e membros da comunidade convidados através de uma roda de conversa. Na oportunidade, o (a) colega professor (a) pode dispor de um mural com o intuito de serem expostas impressões das fotografias tiradas no passeio pela cidade, bem como outras que os estudantes tiverem em casa ou disponibilizadas através de sites ou de páginas de redes sociais. Para início do evento, propomos iniciar um diálogo sobre o passeio dos estudantes pelas ruas da cidade, perguntando se gostaram, o que mais lhes chamou a atenção, do que gostaram ou não gostaram, entre outros questionamentos. Como sugestão, você pode introduzir uma discussão sobre as transformações físicas da cidade, considerando seus aspectos positivos, bem como os negativos. Nessa roda de conversa, busque utilizar outro espaço da escola, como o pátio ou quadra da escola (se houver), a fim de proporcionar uma conversa mais agradável e descontraída.



#### **Etapa IV – A Roleta dos Monumentos – o jogo em ação**



#### **Habilidade da BNCC a ser considerada na atividade da etapa:**

EF69LP14: Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

Como forma de promover a verificação da aprendizagem dos alunos sobre a temática estudada, propomos com esta etapa a inclusão da ludicidade através de um jogo, previamente planejado e organizado para tal finalidade. A dinâmica do referido jogo consiste na apresentação de uma roleta (feita de forma online ou física) onde podem ser inseridas algumas informações e curiosidades sobre determinados monumentos da cidade e umas cartinhas com os correspondentes nomes para serem associados às descrições específicas de cada item destacado nela. Para que todos os alunos possam participar da brincadeira, sugere-se que seja feito um sorteio dos nomes dos participantes, a fim de que cada um tenha uma oportunidade de girar a roleta e atribuir a sua resposta.

#### IMPORTANTE

O professor condutor da dinâmica deve ter a consciência de que o intuito principal do jogo é promover a interação e o protagonismo dos estudantes, buscando, dessa forma, incluir todos eles no processo da atividade. Com isso, através da ludicidade, almeja-se uma aprendizagem mais dinâmica e produtiva.

Antes de iniciar a brincadeira, é importante dar as devidas orientações sobre a sua dinâmica, além de estabelecer alguns combinados sobre as regras do jogo. Na atividade, podem ser atribuídas algumas premiações para os alunos que acertarem as perguntas, como balas, bombons, pirulitos, ou o que preferir.

Com a imagem abaixo temos o resultado de sua confecção em forma física:

**Roleta dos monumentos**



#### PARA REFLETIR

Ao integrar a dimensão lúdica ao ensino de produção textual, o principal aspecto é a possibilidade de (re) estabelecer um espaço de convívio agradável, verdadeiramente interativo, em que os agentes da sala se mostrem em sua personalidade, como quem sente, brinca, ri, imagina, inventa, mas também trabalha. (PASSARELLI, 2012, p.177).

Para mais esclarecimentos sobre as regras do jogo “Roleta dos Monumentos”, apresentado nesta etapa 4 da sequência de atividades, consideramos a importância de uma descrição mais detalhada sobre o seu funcionamento. Primeiramente, os conteúdos abordados referiam-se a conhecimentos e curiosidades sobre os monumentos que compõem o patrimônio da cidade, explanados e discutidos na segunda e na terceira etapa da sequência de atividades, as quais dizem respeito ao passeio com visita aos monumentos históricos e à roda de conversa, respectivamente. Desse modo, para a sua realização, foram utilizados os seguintes materiais:

- 1 roleta;
- 1 tabuleiro enumerado de 1 a 20;
- 20 cartões de respostas;
- 1 mesa suporte;
- 1 pacote de pirulitos.

Estruturalmente, o jogo é composto por três elementos:

**Roleta:** Em formato de pizza, com divisão aproximada de 0,50x0,50 centímetros, dividida em 20 partes, enumeradas de 1 a 20, cada uma com frase contendo informações ou curiosidades sobre os monumentos históricos da cidade, a saber:

- 1-Construção do século XIX, que une o centro da cidade ao bairro Bonfim, possui três arcos bem dimensionados e grades de ferro.
- 2-Arquitetura histórica no centro da cidade, edificação em que o térreo abrigava estabelecimentos comerciais e a parte de cima era a residência do proprietário.
- 3-Casas construídas entre os anos de 1900 e 1910 para abrigar os operários da Fábrica Santa Cruz, fundada por portugueses em fins do século XIX.
- 4-Surgiu de uma devoção a uma cruz, levantada onde morreu um escravizado sob as rodas de um carro de boi, cuja comunidade recorria em busca de milagres.
- 5-Importante via de acesso ao extremo sul do Estado, inaugurada em 1858, buscava facilitar a comunicação de Estância com Santa Luzia do Itanhy.
- 6-Arte trazida da Bahia por comerciantes portugueses e senhores de engenho residentes em Estância para embelezar e proteger de infiltrações os casarões coloniais de sua propriedade.
- 7-Inaugurada em 1944 pelo empresário Júlio Leite, é um espaço cultural onde antigamente eram exibidos clássicos do cinema e apresentavam-se artistas de renome nacional, hoje abriga os estúdios da Rádio Esperança, pioneira no interior de Sergipe.

8-Estátua situada na Rua Capitão Salomão, na década de 1970, em homenagem a um filho ilustre da cidade.

9-Fundada no final do século XIX, foi o primeiro empreendimento industrial (têxtil) do interior de Sergipe.

10-Localizado ao lado da Matriz do Alto da Conceição, no bairro Porto D'Areia, foi construído em homenagem ao surgimento do século XX, sob determinação do Papa Leão XIII.

11-Fundada em 1772 para abrigar os cultos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, associação religiosa composta predominantemente por escravizados, libertos e brancos de poucas posses.

12-Localizado na Praça Barão do Rio Branco, rodeado das famosas palmeiras imperiais.

13-Situada na Praia do Saco, é uma das mais antigas capelas do município, desde o final do século XIX.

14-Foi construída em 1632 pelos fundadores da cidade, os quais mandaram erguer uma capela em homenagem à padroeira de seu país de origem.

15-Localizada no Alto da Conceição, no bairro Porto D'Areia, de onde sai a procissão junina em direção à igreja Matriz.

16-Estruturas à beira do Rio Piauí que permitiam, entre os séculos XVIII, XIX e início do XX, o embarque e desembarque de mercadorias vindas de várias partes do país, especialmente de Salvador.

17-Inaugurada em 1931 por Leopoldo de Araújo Souza, é conhecida por “Jardim Velho”, provavelmente por ter sido o primeiro jardim público construído na cidade.

18-Imóvel que, na primeira metade do século XIX, foi residência de um fazendeiro proprietário de diversas fazendas na região.

19-Inaugurado em 1938, fica em frente à Catedral de Nossa Senhora de Guadalupe.

20-Fundada no ano de 1879, casa onde nasceu Gilberto Amado, seu nome homenageia o renomado compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes.

**Tabuleiro:** Em formato de retângulo, em dimensões de 0,40x0,55 centímetros, com numeração sequencial de 1 a 20, distribuída em quatro posições horizontais de 5 em 5, onde são dispostos os respectivos cartões de respostas pelos estudantes.

**Cartões de resposta:** Compostos por 20 unidades, com formato retangular, medindo 0,08x0,05 centímetros cada, impressos em papel-cartão. Acima contém uma imagem e abaixo dela sua respectiva descrição, a exemplo do modelo de cartão-resposta a seguir:

Modelo de cartão-resposta



#### Preparação e regras do jogo:

Para a organização do jogo, deve ser considerado o passo a passo a seguir:

1ºO grupo participante é disposto com as cadeiras em forma circular e no meio, mais próximo à lousa, coloca-se a mesa suporte e sobre ela acomoda-se a roleta e o tabuleiro, lado a lado, com o intuito de que todos possam visualizá-la.

2ºNa sequência, explica-se que na roleta há, enumeradas de 1 a 20, informações e curiosidades sobre os monumentos históricos da cidade e que no tabuleiro há 20 imagens, cada qual com a numeração correspondente à informação da roleta e com a devida descrição do respectivo monumento.

3ºCada aluno participante, por vez, deve girar a roleta e se ater na numeração destacada quando ela estacionar, na sequência associar a imagem do cartão à informação contida na roleta. O tempo estipulado sugerido deve ser de 30 segundos para cada estudante.

4ºPara cada acerto, o aluno é presenteado com um pirulito.

Antes do seu formato físico, a roleta dos monumentos foi elaborada em versão online. Porém, em face da instabilidade constante da rede que fornece o sinal da internet ao colégio, a reforma da sala de informática e a provável carência de celulares com dados móveis disponíveis por parte de uma considerada quantidade de estudantes da turma, entendemos a necessidade de realizar a sua confecção em forma concreta.

Por fim, esclarecemos que as frases informativas da roleta, bem como as imagens e as descrições dispostas nos cartões-resposta, devem ser adaptadas ao contexto da comunidade onde estão inseridos os estudantes, pelo professor que desejar fazer uso de sua dinâmica.

## Etapa V – Planejamento e produção de crônicas

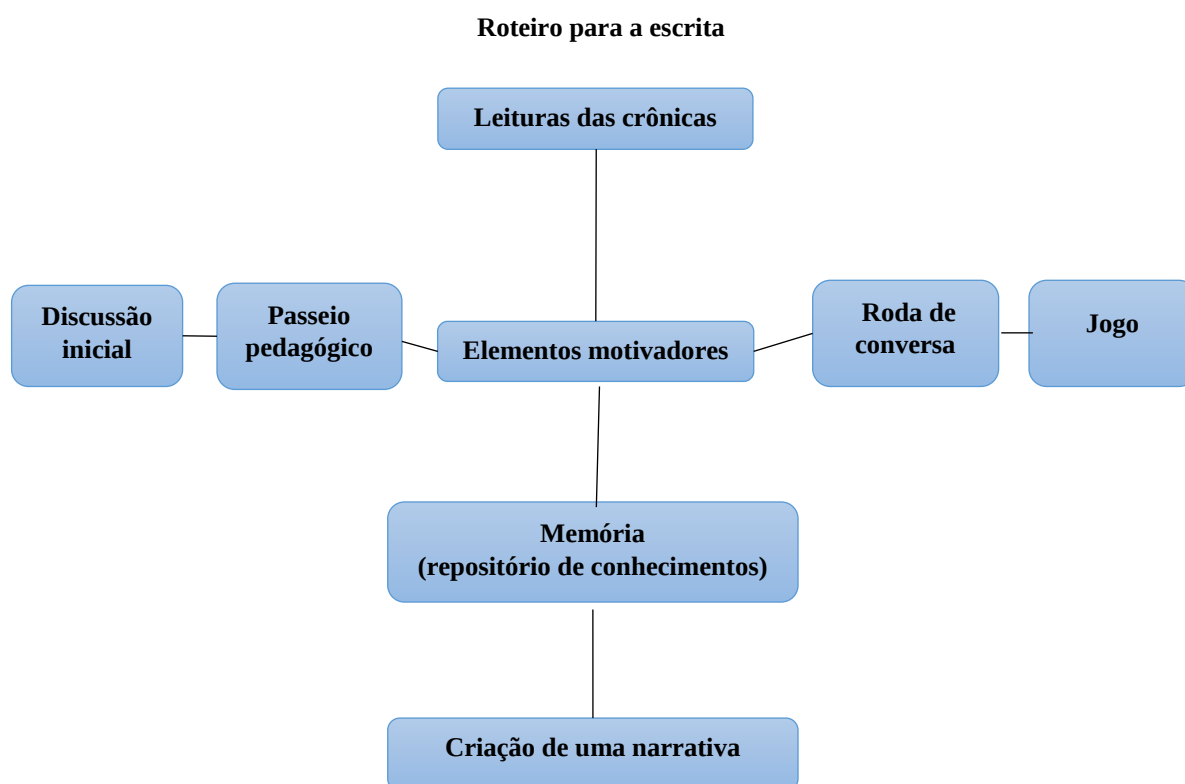


### **Habilidade da BNCC a ser considerada na atividade da etapa:**

(EF69LP07): Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

A partir da leitura de crônicas, do estudo sobre o gênero em questão, das etapas do passeio, da roda de conversa e do jogo sobre a temática abordada, agora é chegada a hora do planejamento e da primeira versão da produção textual. Nessa etapa, é necessária a conscientização aos alunos sobre a fase do planejamento de seus textos, lembrando que o propósito futuro é a divulgação das narrativas na escola. É interessante ainda realizar uma revisão das características do gênero. Se achar necessário, pode ser feita uma leitura de outra crônica antes de proceder com a atividade do planejamento.

Para a fase do planejamento, consideramos a sistematização do roteiro a partir do esquema didático seguinte, denominado “Roteiro para a escrita”:



Como sugestão, apresentamos a crônica o Apanhador de Acalantos, de Beatriz Pereira Rodrigues:

### **O apanhador de acalantos**

O sol estava dando um bom dia tímido nas primeiras horas daquela manhã de terça. Estávamos a caminho da feira da cidade. Meus colegas e minha professora já discutiam os assuntos, sabores e cores que encontraríamos lá.

O ônibus mal parou e eles já estavam na porta esperando ansiosamente para sair. A feira é pequena, típica do tamanho da cidade, situada abaixo da prefeitura. Ao seu lado, fica a linha do trem, margeada por quaresmeiras, uma ao lado da outra, num abraço roxo e rosa sem fim, cismando em querer dar boas-vindas ao trem que passa carregando nossas riquezas minerais, entre elas, o famoso nióbio.

A manhã estava fria. Via-se o vaivém das pessoas. A feira estava lotada e era difícil caminhar pelos estreitos corredores formados pelas barracas e pelo congestionamento dos passantes, cada qual com suas sacolas. Alguns colegas estavam tirando fotos, outros degustando e descobrindo sabores e eu, observando as pessoas. Ao longe, a igreja branca em cima do Morrinho do São João, nosso cartão-postal, parecia abençoar o nosso dia.

Entre todas as pessoas, comecei a observar um senhorzinho, bem mais velho, daqueles que usam o chapéu para sair de casa, que ia de barraca em barraca, parava em todos os grupos de conversa para puxar assunto, observava as frutas, mas nada comprava. Eu, ali, fisgada por algum encantamento vindo daquela figura magra e simpática, passei a observá-lo mais de perto, chegando a ouvir suas risadas e conversas. Às vezes, pegava uma laranja e cheirava: - As de hoje não têm mais aquele perfume... “Sassinhora”! Que saudade!

Parecia querer encontrar ali um cheiro que o transportasse à infância, à mocidade, à felicidade! Dali a pouco, ajudava algum feirante a colocar frutas na sacola de um cliente; ora entrava em grupo de conversas e falava sobre a política da cidade, sobre suas dores, sobre os netos que já estavam grandes e não o visitavam mais; ora falava sobre o tempo... ah, o tempo... o que ele fez àquele senhor?

Percebi que ali na feira, ele estava em busca de algo, não para saciar sua fome, mas para acalantar seu coração solitário: atenção, carinho, risos, sentimento de ainda pertencer ao lugar e de ter com quem conversar. Fiquei imaginando o quanto as pessoas mais velhas podem se sentir sozinhas no vazio de suas casas. Em muitas famílias, os adultos saem para trabalhar, os jovens para estudar e os idosos ficam à mercê de ver o tempo passar. Solitários, muitos já perderam seus contemporâneos e não reconhecem mais o mundo vazio em que vivem.

Talvez por isso, aquele senhorzinho, tão velhinho, parecia tão feliz e tão acolhido quando encontrava alguém para conversar. Reparei que não era só ele. Ali, havia muitos outros, também mais velhos, sem sacolas nas mãos. Na hora de ir embora, de longe, fiz um tchau para ele, que me respondeu abanando o chapéu, com um largo sorriso que me fez mais feliz.

Ao chegar em casa, fui para o meu quarto e, como de costume, acessei a internet para entrar em minhas redes sociais. Ali, fiquei horas, postei fotos, comentei com minha professora as impressões do passeio, ouvi minhas músicas... tudo na solidão do meu quarto. Já era noite e, por mais que eu tentasse, não tirava o velhinho da minha cabeça. Fiquei imaginando ele levantando cedo, tomando seu café, arrumando-se e escolhendo seu chapéu de passeio para ir ao encontro do carinho das pessoas e, talvez, compensar a ausência dos filhos e netos.

Então percebi que, assim como ele, também me encontro numa grande solidão. Estamos o tempo todo conectados, sabemos tudo uns dos outros, em tempo real (mesmo no isolamento de nossos quartos), mas perdemos muito do “olho no olho”, do abraço, do toque, do sorriso verdadeiro que emana felicidade. Aquele velhinho, perdido num mundo tão diferente, e eu, perdida num mundo de indiferenças! Éramos cúmplices! De uma certa forma, seu exemplo me move a mudanças. Onde será que encontro um chapéu?

Beatriz Pereira Rodrigues

Na sequência, apresentamos uma ficha de orientação para a produção, seguido de mapa mental, onde os alunos possam esquematizar a estrutura da sua crônica, a partir de cada elemento que a caracteriza.

## Ficha de orientação para a produção das crônicas

### Planejando minha crônica

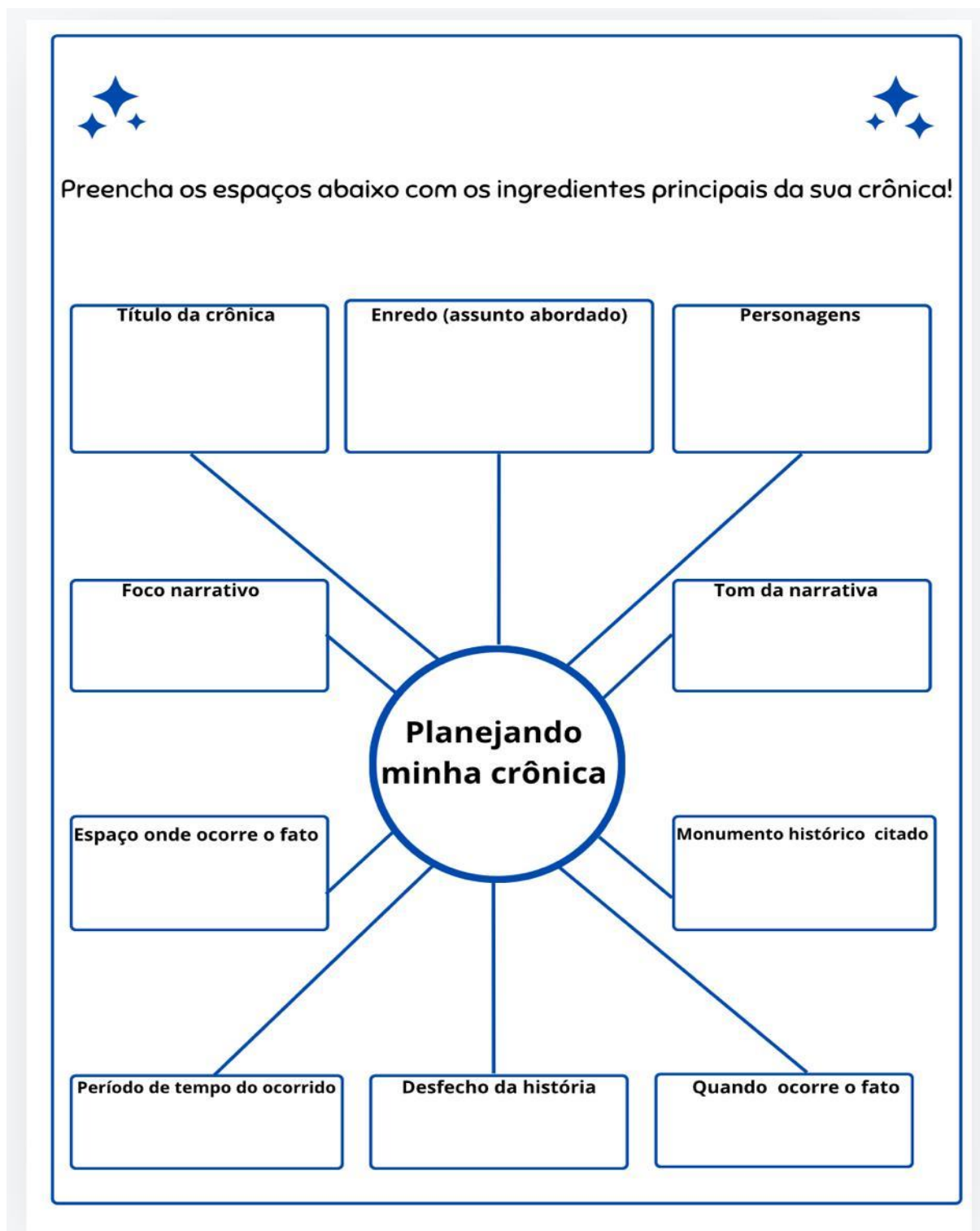
Querido(a) aluno(a),

Após uma maratona de atividades sobre os tesouros da nossa cidade, chegou o momento de soltar a criatividade e escrever sua crônica! É hora de contar um fato do dia a dia da sua comunidade. Mas calma! Antes de deixar a caneta correr solta, vamos planejar essa narrativa. Aqui vai um roteiro para guiar você nessa jornada:

- 1- Primeiro, escreva de forma rápida qual fato você vai narrar.
- 2- Sua história será contada em primeira ou terceira pessoa? Lembre-se: primeira pessoa é sobre você; terceira é sobre os outros.
- 3- Quem são os personagens da sua trama?
- 4- Que clima você quer dar a sua narrativa? (Humor, suspense, crítica social, um hino à cidade... escolha!)
- 5- Onde se passa a ação? (Não esqueça de mencionar um monumento local!)
- 6- Quando acontece a história? (Uma manhã ensolarada, uma tarde chuvosa, ou um dia inteiro de aventuras?)
- 7- Em que ocasião o fato ocorre? (Um feriado, um sábado tranquilo, numa aula, ou durante um evento da cidade?)
- 8- Qual título você vai dar a sua crônica? Ele tem tudo a ver com o que você vai contar?
- 9- Lembre-se: a linguagem que você usa na crônica deve ser adequada aos seus leitores.
- 10- E, para fechar com chave de ouro, que tal criar uma narrativa com pelo menos 20 linhas? Vamos começar?

Agora, coloque suas ideias no mapa mental e mãos à obra!

### Mapa mental para planejamento de crônica



Depois de organizado o planejamento, distribuir entre os alunos a folha para a produção das crônicas.

[illegible]

Em resumo, como estratégia para a produção das crônicas, recomendamos os seguintes passos:

**1º PASSO:**

Leitura em voz alta da crônica “O apanhador de acalantos”, de Beatriz Rodrigues, com os alunos.

**2º PASSO:**

Discussão sobre a leitura.

**3º PASSO:**

Revisão sobre os elementos da crônica a partir do texto lido.

**4º PASSO:**

Apresentação do tema: “A importância do reconhecimento e da valorização dos monumentos que compõem o patrimônio da nossa cidade”, seguido de explicação sobre o “Roteiro para a escrita”.

**5º PASSO:**

Apresentação e distribuição do “mapa mental para planejamento da crônica” e da “ficha de orientação para a produção textual”.

**6º PASSO:**

Produção das narrativas, com distribuição de folha pautada.

Ainda nessa etapa, para não incorrer no círculo vicioso de propor atividade escrita sem maiores esclarecimentos sobre o que está sendo considerado em sua avaliação, é imprescindível a explicação aos alunos sobre os critérios de correção das crônicas, conforme sugestão descrita no quadro abaixo:

**ORIENTAÇÕES PARA AVALIAÇÃO DAS CRÔNICAS**

1- O enredo é desenvolvido com clareza?

2- O número de linhas é satisfatório ao desenvolvimento da narrativa?

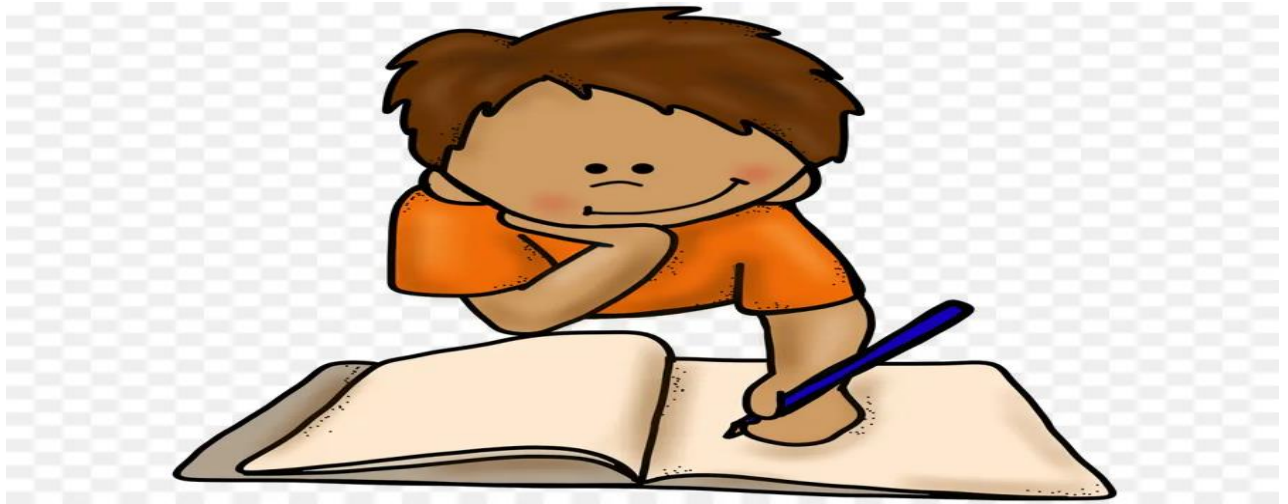
3- A escolha do título é adequada à história contada?

4- A linguagem utilizada facilita o entendimento do leitor?

5- O texto traz alguma reflexão sobre aspectos patrimoniais da comunidade?

6- Há o devido cuidado quanto às questões formais de escrita, como ortografia, pontuação e acentuação gráfica?

## ETAPA VI – REVISÃO E REESCRITA



### **Habilidade da BNCC a ser considerada na atividade da etapa:**

(EF69LP07): Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

Para esta penúltima etapa, o ideal é que haja um momento reservado para a entrega dos textos produzidos, seguido de uma breve explanação sobre o processo de revisão e uma conversa individualizada com os alunos sobre suas produções, com as devidas sugestões de correções, a fim de que a produção final se mostre mais produtiva. Com relação a esses aspectos formais,

entendemos que o principal objetivo concentre-se em analisar as produções considerando prioritariamente os conteúdos a serem apresentados, em detrimento das questões gramaticais.

Nesse sentido, no que se refere à correção ortográfica, sugere-se que ela somente seja considerada na fase da editoração, feita para uma possível apresentação das produções textuais em mural expositivo para a comunidade escolar. Desse modo, esclarecemos aqui que na ocasião do trabalho com a revisão para fins de posterior reescrita, destacamos a visão de Soares (2009), a qual afirma sobre a importância do papel do professor nesse momento, definido como **feedback**. Assim, indicamos a proposta da **correção textual-interativa** sugerida pela autora, que recomenda evitarmos tão somente a cobrança da tarefa da reescrita, mas que haja um diálogo com o autor e o seu texto. Agindo assim, o professor pode ajudar o aluno de forma mais assertiva quanto à reflexão e à organização de seu discurso.

#### DICA

Além do professor, a revisão também pode ser realizada pelos próprios colegas, aos quais sugere-se realizar a troca de narrativas entre si para serem lidas e analisadas.

#### SAIBA MAIS

Segundo Franchi (2006), é papel do professor de língua materna estar a par da realidade linguística de seus estudantes. Além disso, atentar para seu desenvolvimento e ampliação de seus recursos expressivos nas atividades tanto de compreensão como de produção textual devem ser considerados, além do puro domínio da modalidade culta.

No Anexo deste Caderno Pedagógico trazemos como sugestão um barema<sup>1</sup> elaborado por esta autora e aplicado na correção da versão final dos estudantes que participaram da sequência de atividades aqui explanada.

Na etapa a seguir, apresentaremos como o (a) caro (a) colega professor (a) poderá proceder com a última atividade desta sequência de atividades. Vamos lá?

<sup>1</sup> É um instrumento que define os critérios e a pontuação para avaliar uma atividade ou tarefa.

## ETAPA VII – EDITORAÇÃO



### **Habilidade da BNCC a ser considerada na atividade da etapa:**

(EF69LP07): Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

Para esta última etapa, a ideia é incentivar o aluno a editar seu texto reescrito, com vistas à divulgação através de algum meio de veiculação, o qual pode ser um mural expositivo, um livrinho de narrativas, uma rede social da escola, entre outras possibilidades. Essa sugestão está em acordo com Passarelli (2012) para quem “Esse desprazer pode ser contornado quando o professor cria possibilidades de socializar o produto final com outros leitores” (PASSARELLI, 2012, p. 168). Desse modo, os estudantes podem se sentir mais motivados à realização da tarefa, além de ser esta uma possibilidade de eles participarem e desenvolverem outras práticas de escrita, como o uso de editores de texto em computadores e demais dispositivos.

Porém, sabemos que nem sempre a fase da editoração é possível a todo ambiente educacional, pois há casos de escolas que não dispõem de recursos tecnológicos, como a existência ou mesmo manutenção adequada das salas de informática, nem também os alunos têm acesso fácil a suportes como notebooks, tablets e celulares. Nesses casos, uma alternativa diversa pode ser cogitada. O que aconselhamos é que o (a) professor (a) não deixe de divulgar o texto final de seus pimpolhos, afinal, vocês todos merecem, depois de tanto empenho e trabalho!

Então, querido (a) colega, preparado (a) para aplicar a sequência de atividades aqui apresentada com seus estudantes?! Fique à vontade para iniciá-la e sucesso para você e sua turminha!



### 3 PALAVRAS FINAIS

É inquestionável que o trabalho com o eixo da escrita em sala de aula é uma tarefa árdua e desafiadora para o professor de língua materna no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, apesar das dificuldades para a sua realização, as atividades de produção textual não podem ser ignoradas no cotidiano escolar, haja vista a importância do aprimoramento das habilidades de escrita, seja para a real necessidade de seu uso tanto dentro como fora do ambiente educacional. Desse modo, é de suma importância buscarmos incentivar os nossos educandos a valorizar e a criar o prazer pelo hábito da escrita.

Não obstante, há de se destacar os obstáculos que fragilizam e dificultam esse trabalho tão valioso e compensador na formação geral dos estudantes, os quais compreendem a falta de repertório linguístico e a vasta influência das tecnologias na vida dos jovens, como o uso indiscriminado e inconsciente dos aparelhos celulares e dos aplicativos de inteligência artificial. Com isso, seu desenvolvimento cognitivo torna-se consideravelmente afetado. Diante desse cenário preocupante, como professores de Língua Portuguesa, entendemos que estratégias de ensino que ao menos minimizem e contribuam para a melhora do nível de aprendizagem dos alunos, notadamente os de escola pública, são urgentes e necessárias.

Nesse viés, foi pensando nesse contexto, com o qual nos deparamos em nossa prática docente cotidiana, que optamos pela elaboração da sequência de atividades disposta no presente Caderno Pedagógico. Assim sendo, embasados nas orientações de documentos parametrizadores da Educação Básica, como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo de Sergipe, e nos referenciais teóricos destinados à área em questão, nos debruçamos nessa custosa, porém significativa, tarefa de aprimorar as habilidades de escrita do nosso alunado, tendo como base para tal trabalho a escrita processual, pincelada com um tanto de ludicidade e atividades que extrapolam o espaço da sala de aula, através das quais apostamos no fator motivação e no sentido concreto ao trabalho realizado dentro dela.

Portanto, com essa sequência de atividades, na qual o gênero crônica é o elemento norteador para a sua organização, esperamos que os educandos adquiram mais confiança e habilidade no ato da escrita, com capacidade de expor suas ideias e opiniões de forma clara e expressiva. Além disso, almejamos que elevem seu grau de protagonismo e de autoestima, com incentivo ao despertar do reconhecimento e da valorização do patrimônio material e imaterial da comunidade da qual fazem parte. Dessa forma, pretendemos contribuir para uma formação

crítica, libertadora e consciente, com alunos capazes de fazer e expressar, através da escrita, a leitura não somente de palavras, mas do mundo ao seu redor.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português: Encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa de 5ª a 8ª série do 1º grau**. Brasília: MEC/SEE, 1998.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coord.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção Explorando o Ensino, v. 19, p. 85- 106, 2010.

CASTRO, Oniveres Monteiro. Descrição e funcionalidade. O caso do gênero textual instrucional. **Revista Interdisciplinar**, ed. Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, ano VIII, v. 17, jan/jun. p. 309-324, 2013.

CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lílían Maria Ghiuro. **A pesquisa e o ensino em Língua Portuguesa sob diferentes olhares**. São Paulo: Blucher, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. Ed. Belo horizonte: Autêntica, 2014.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MULLER, Ana Lúcia. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1982.

KOCK, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão: a importância do estudo do gênero, sua compreensão, propósito comunicativo e suporte para a produção textual**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PASSARELLI, LÍlian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares:** Sobre o trabalho com a escrita processual e seus desafios. 1. edição. São Paulo: Telos, 2012.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Ática, 2001.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo de Sergipe.** Aracaju/SE, 2018.

SILVA, Leilane Ramos da; CARDOSO, Denise Porto. **O lugar do gênero digital no ProfLetras São Cristóvão:** caracterizações e impactos na prática docente. In: Estudos linguísticos: abordagens contemporâneas. Araraquara: Letraria, 2020. p. 227-242.

SOARES, Doris de Almeida. **Produção e revisão textuais:** um guia para professores de Português e de Línguas Estrangeiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

## ANEXO - TÁBUA DE CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

Em acordo com as orientações de Passarelli (2012) com relação à correção de textos escolares, elaboramos um barema, adaptado da tábua de critérios de correção do texto narrativo, criado pela autora, o qual pode ser utilizado como sugestão de correção das crônicas dos estudantes dos professores que tiverem o intuito de usar a nossa sequência de atividades. Assim, como critérios de avaliação da reescrita das crônicas, estabelecemos como parâmetro a seguinte tábua de correção, disposta no seguinte Quadro:

Tábua de critérios de avaliação das crônicas

| CRITÉRIOS                                               | DESCRITORES                                                                                                                                                                                                                                           | PONTUAÇÃO             |                  |              |                    |
|---------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|------------------|--------------|--------------------|
|                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                       | 0,5<br>(insuficiente) | 1,5<br>(mediano) | 2,0<br>(bom) | 2,5<br>(excelente) |
| Compreensão da proposta da temática da produção textual | O autor apresenta uma narrativa que evidencie uma relação de identidade e de pertencimento com a comunidade onde mora?<br>O autor transmite de alguma forma o reconhecimento e a valorização concernentes aos aspectos histórico-culturais da cidade? |                       |                  |              |                    |
| Adequação ao gênero textual crônica                     | O texto apresenta uma sequência narrativa própria do gênero crônica, trazendo uma história curta, com linguagem leve e reflexiva?                                                                                                                     |                       |                  |              |                    |
| Encadeamento de estruturas sintáticas e semânticas que  | O texto está escrito com o intuito de facilitar o entendimento do leitor?                                                                                                                                                                             |                       |                  |              |                    |

|                              |                                                               |  |  |  |  |
|------------------------------|---------------------------------------------------------------|--|--|--|--|
| auxiliem na fluidez do texto |                                                               |  |  |  |  |
| Indícios de autoria          | O autor apresenta uma produção textual com marcas de autoria? |  |  |  |  |

Seguindo a sugestão de conceituação de Passarelli (2012), considerando as pontuações por cada critério, estabelecemos que a nota zero vírgula cinco (0,5) corresponde ao conceito “insuficiente”, um vírgula cinco (1,5) a “mediano”, dois (2,0) a “bom” e dois vírgula cinco (2,5) corresponde ao conceito “excelente”. Para a somatória das pontuações dos quatro critérios elencados, consideramos:

- a) insatisfatório o resultado final entre 0,5 a 4,5, quando o texto do estudante está abaixo do nível básico em termos de habilidades de escrita;
- b) mediano o resultado final entre 5,0 e 6,5, quando a produção textual apresenta ocorrências das habilidades de escrita de maneira limitada;
- c) bom o resultado final entre 7,0 e 8,5, em que o texto apresenta poucos desvios com relação às habilidades de escrita.
- d) excelente, o resultado final entre 9,0 e 10,0, em que a produção textual apresenta pleno domínio das habilidades de escrita.

Essa tábua de critérios de correção das crônicas foi criada para que pudéssemos nos orientar na tarefa de atribuição das notas das narrativas produzidas pelos estudantes, assim como para que eles da mesma forma pudessem ter ciência dos procedimentos de correção estabelecidos para a última produção textual.